

JOSÉ JORGE LETRIA

Uma vasta obra nos mais diferentes registos literários, da poesia ao conto infantojuvenil. Uma criatividade distinguida com prémios nacionais e internacionais.

O poeta, o ficcionista fala-nos nesta entrevista sobre a história de Portugal, as questões ambientais, políticas, religiosas, o flagelo da pirataria e comenta o panorama cultural do nosso país, da música ao livro. Sobra ainda tempo para explicar a origem de uma muito especial afinidade com os gatos.

ENTREVISTA REALIZADA EM MAIO DE 2005

Os escritores perderam influência na sociedade?

Comparativamente ao século XIX, perderam.

Ocupam-se menos da condição humana?

Talvez porque no tempo em que foram influentes não havia televisão nem rádio. Passou a haver uma dinâmica mediática e, às vezes até um circo mediático que subalternizou a força da palavra escrita. O papel que hoje é desempenhado pelas telenovelas brasileiras e

portuguesas era desempenhado pelo Camilo Castelo Branco, por Júlio Diniz.

Continuamos a ter escritores que não deixam de tratar o amor, as paixões...

Não se está a ler menos, ao contrário do que se pensa. Creio que até se está a ler mais. Do meu ponto de vista, não se está a ler com grande critério, porque se segue, essencialmente, a estratégia de *marketing* e o *marketing* produz efeito. Mas até se lê bastante. Fico surpreendido com a quantidade de jovens que leem *Agora*, se isto contribui para a qualidade do português que eles falam e escrevem, isso é que não sei. O que tenho verificado quando vou a escolas ou a bibliotecas municipais deixa-me apreensivo. Mas quando falo da rádio e da televisão é neste sentido: a literatura e a ponte que existia entre a produção literária folhetinesca, na maior parte dos casos, e o espaço mediático que também era o espaço público, que era o jornal, deixou de funcionar como tal. Hoje, os escritores, incluindo os que têm preocupações de natureza cívica e até política, separam muito bem as águas da produção literária das águas da intervenção cívica. São muito raros os que deixam que essas águas se confundam. O tempo da resistência à ditadura ...

Foi um autor de intervenção...

Sim, em canções e tudo isso, assumo e tenho muito orgulho em tê-lo feito. Esses escritores, começando pela geração neorrealista, outros que foram surrealistas como Alexandre O'Neill, ou Sena no exílio, todos tiveram uma intervenção cívica, todos tomaram posição.

Deixou de haver causas?

Continua a haver causas em relação às quais se deve tomar partido. Penso que as causas de hoje são mais motivadoras e mais estimulantes: tomar posição contra a destruição dos ecossistemas

pelo ser humano; tomar posições de cidadania, posições contra o caráter agressivo, monetarista e mercantil da globalização. São causas justíssimas. Exigir que haja cadeias de solidariedade para evitar que a pobreza seja tão pobre e a riqueza tão rica. Vejo muito pouca gente a tomar posição sobre isto. A minha própria geração está muito calada.

Por cansaço, por desilusão ou porque é mais cómodo não se comprometer-se com mais nada?

Só posso falar por mim. Continuo a intervir onde posso. Tive 25 anos de atividade profissional como jornalista, quase sempre no jornalismo diário, exceto os últimos anos em que fui editor do *Jornal de Letras*, e sempre que pude intervim, escrevendo, falando, como ainda hoje faço na imprensa local e regional, não recebendo nada por aquilo que escrevo.

A sua escrita já não é hoje conotada ideologicamente. Assumi essa rotura...

Tem que ver com a minha evolução interior, com a minha evolução espiritual e a relação comigo mesmo. Agora a nossa geração viveu em dez-quinze anos o que o ser humano normal vive em quarenta-sessenta anos. Houve um desgaste muito grande. Houve um grande investimento emocional na utopia, na quimera, na realização de sonhos. As coisas, por uma razão ou por outra, ou para um lado ou para o outro não foram aquilo que nós queríamos.

A utopia é isso...

Faz parte da sua definição. Pela minha parte o que perdi não foi a vontade de combater. Perdi talvez o elã romântico que me fez acreditar que tudo era possível, bastava crer, como diz o belíssimo soneto de Ruy Belo sobre a infância. Para já deixei de acreditar numa

série de princípios e pressupostos ideológicos que orientaram muitos anos da minha vida.

De algum modo a ideologia comunista entrou em falência?

Sem dúvida. Em grande medida, parte da minha geração, aquela que acreditou e lutou pelas crenças que teve, está ferida. É uma geração que hoje está numa encruzilhada. Não acredita em Deus, não acredita no homem...

Nem na esquerda nem na direita...

Hei de considerar-me até ao fim da vida um homem de esquerda, seja a esquerda aquilo que se lhe quiser chamar, mas sou no essencial, nos afetos, na minha visão do mundo, no conceito de solidariedade, no valor que dou aos valores, considero que sou um homem de esquerda.

Ao surgir com *Morro Bem, Salvem a Pátria*, uma famosa frase atribuída a Sidónio Pais... Com esta narrativa quer lembrar que o povo precisa sempre de ter os seus heróis?

A figura de Sidónio – mesmo no período da minha vida em que estive empenhado e mais comprometido com a vida política – sempre me fascinou por várias razões. É um homem que está pouco tempo no topo de poder.

Um homem cheio de ambiguidades. Começa com a sopa do Sidónio... mas...

Não sou historiador, mas, do meu ponto de vista, Sidónio é um homem de formação militar e matemático, um homem de grande rigor metodológico e de uma grande rigidez de princípios. Um homem muito ambicioso política e socialmente.

Era um sedutor...

A viuvez que se espalhou por Lisboa quando ele morre... Aquela figura sempre me fascinou. Há uns anos fui a Barcelos e recolhi documentação, bibliográfica e histórica e interessei-me por aquela figura...

Que o leva hoje... a trazer Sidónio à lembrança...

À semelhança do que aconteceu até com livros de poesia que escrevi, tenho uma atração pelas figuras trágicas. Figuras que escreveram os capítulos finais antes do tempo. Foi por isso que escrevi uma peça de teatro sobre Carlos Gardel, sobre a Edith Piaf, sobre Chopin... Também livros de evocação poética, de Cesário Verde, de Mário de Sá-Carneiro. Assumo esse fascínio por vidas inacabadas, que, sobretudo, acabam de uma forma trágica.

Politicamente este seu livro é inocente?

Nenhum livro é inocente. Foi um livro terminado em finais de 2002, com o processo normal editorial em Portugal saiu dois anos depois. Não é um livro de tese, não é um romance, tive o cuidado de lhe chamar narrativa e que tem a marca do meu percurso jornalístico. Quase uma espécie de reportagem.

Há muita ficção ali...

Há um fio cronológico factual, rigoroso, comprovado, faz parte dos livros de investigadores em que me apoiei. Mas há forçosamente figuras de ficção. Uma mulher que representa o destino, o presságio negro...

A superstição está logo em Fernando Pessoa que admirava Sidónio...

Escreveu o *Presidente-Rei*. O encontro que terão tido no elétrico é ficcional como será ficcional a conversa entre Salazar e Cerejeira,

percebendo que aquele homem abriu as portas ao projeto político que eles irão ver concretizado através da ditadura e do apoio direto da Igreja Católica portuguesa. Mas o que me tocou de Sidónio foi, por um lado, o destino trágico, ainda o facto de ele ter sido, de alguma maneira, um balão de ensaio do que viria a ser o fascismo italiano. Inventei um telegrama de Mussolini a apresentar condolências dos italianos que acreditavam no ideal autoritário aos portugueses. Ele chega ao poder alguns anos depois. O projeto de propaganda, de sedução das massas, de fazer o pleno dos apoios, desde os anarco-sindicalistas até à direita, consegue fazer a quadratura do círculo, jogando muito com um projeto de sedução das massas.

Ele é um homem que investe muito na sua imagem. Foi sempre assim...

É talvez a modernidade do século XX (e estamos a sair da primeira guerra mundial), Portugal com dezenas de milhares de mortos e uma participação inglória, mas ficando no lote dos vencedores... Portugal está ferido, está doente, está agastado.

É um período de grandes emoções...

Obviamente. Já não tínhamos guerra desde a guerra civil do século XIX. O Sidónio é um militar universitário, é maçom, construiu a sua heroicidade. Retornando à questão anterior: nenhum livro é inocente mesmo que não incorpore elementos de natureza ideológica ou de natureza memorialista ou biográfica. Este é menos inocente.

Continuamos a precisar de encontrar um pai, o eterno D. Sebastião...

Em larga medida sim. Esse foi o êxito inicial de Sidónio. Os portugueses têm um défice de autoconfiança e por isso precisam sempre de uma tutela. Ou pelo menos têm precisado ao longo da

história que melhor conhecemos de uma tutela, de um guarda-chuva acolhedor sob o qual se podem abrigar.

Esse é um fenómeno apenas português? Veja-se o fenómeno de emoções com a morte de João Paulo II...

O mundo ficou estruturalmente desarrumado. O mundo desarrumou-se a partir da queda do Muro de Berlim e do colapso do regime soviético ou pró-soviético. Há uma ordem internacional, que era a do equilíbrio do terror ainda muito diretamente e de perto que permitia saber quem era quem e de que lado estava. A partir do momento em que uma hiperpotência se torna a potência absoluta e nós – independentemente da posição que tenhamos em relação a ela – acreditamos que aquela não é a solução porque aquele grau de hegemonia está a causar clivagens, roturas e bolsas de confrontação que podem transformar-se num conflito mundial de proporções inimagináveis; no momento em que vemos o mundo enquanto planeta, enquanto Terra, a sofrer fenómenos incontrolláveis, imprevisíveis e imparáveis, que resultam da predação que o ser humano faz dos ecossistemas, que dão os tsunamis, os tornados, estas coisas violentíssimas que nem as tecnologias mais avançadas conseguem controlar. Estamos a viver um tempo trágico e de algum modo absurdo de vazio. Vazio de crenças, um vazio ideológico e de profundas mudanças que sentimos estarem na forja e não sabemos o que vão dar.

Não haverá hoje outro tipo de ideologias e de utopias?

Vão surgir. De todo este movimento de fusão que estamos a viver (fusão ideológica, social, espiritual) vai surgir, por exemplo, uma nova forma de fazer política. Esta a que estamos a assistir tem os dias contados.

Falência dos regimes democráticos?

Não. Acredito que a próxima forma de fazer política ou aquilo que virá a ser o discurso político do futuro vai ser o processo de síntese de muita coisa. Terá de incorporar o melhor do pensamento ecológico, não necessariamente ao nível que vemos fazer com os Verdes e pseudo-Verdes que andam por aí, mas sim uma fortíssima componente ecológica, porque hoje é-nos nítido que da preservação do planeta depende o futuro da humanidade.

Mas com que sistema político?

Teremos talvez de ir buscar ideias que ficaram perdidas com o colapso das regiões do Leste, sem o estatismo e o centralismo democrático. Teremos de ir buscar o melhor da social-democracia, teremos de procurar elementos ao pensamento social da Igreja. Tudo isto irá dar uma fusão muito grande de valores, de princípios, de pressupostos. Acredito que vai nascer um ecossocialismo. Não sou o primeiro a dizê-lo. Há teóricos que defendem esta posição, como Edgar Morin e Alain Touraine. Que seja um pensamento, um discurso político que retire o melhor da tradição democrática e socialista (estou a falar daquilo em que acredito) e incorpore novos elementos que permitam vencer a grande batalha que temos pela frente, que já não é só a guerra nuclear, química ou bacteriológica ou a guerra da água de que só falamos quando temos pouca água nas torneiras. Trata-se de vencer a batalha contra a destruição do planeta. Essa é a grande questão. Estou preocupado com a herança que vamos deixar. E a avaliar pelo que temos em presença não é nada estimulante.

As gerações anteriores às nossas também não têm uma velhice de ouro...

Também não. Mas apesar da minha descrença no “homem novo” continuo a acreditar na infinita capacidade de regeneração e de criação do ser humano, mesmo quando está profundamente alienado como acontece neste momento. Penso por exemplo nas doses

industriais servidas por aquela máquina de estupidificação que é a televisão, no mundo em geral mas sobretudo nos chamados países desenvolvidos, de economia de mercado, que faz das pessoas atrasadas mentais, mentecaptas, que introduz nos cérebros o valor do dinheiro rápido ganho em concursos e faz delas “batatas de sofá” como lhes chamam os americanos. Popper disse pouco antes de morrer que a televisão podia vir a assassinar a democracia porque estava a deslocar para um falso fórum as energias das pessoas e a pô-las numa comunicação unilateral em que a televisão é que fala connosco e nós deixamos de falar com os outros. Temos de meditar sobre tudo isto. Vai nascer algo que não sabemos ainda o que será. Penso haver protagonistas da política, que neste momento estão no poder e sabem isso. Por exemplo, a redução do número de mandatos é fundamental para combater a tentativa perversa da eternização no poder, seja ele qual for, no público ou privado.

«Aquele que gosta de ser amado e nunca foi capaz de amar acaba por amar o poder». Será que o poder tem de ser exercido por frustrados no amor?

De maneira nenhuma. O projeto de amar e ser amado é talvez o projeto mais difícil e às vezes mais doloroso das nossas vidas. Felizes são os que nascem com fé e com capacidade de amar e de se deixarem amar. Isso é uma dádiva. É um privilégio. Eu nasci sem fé, embora tenha tido uma educação religiosa básica (fiz o meu percurso normal naquela época).

Mas fala do papel social da Igreja...

A Igreja tem pela sua experiência, pela sua ancestralidade, um percurso de serviço social que não pode ser ignorado ou marginalizado pelo facto de quem o avalia ser ou não católico. A Igreja tem uma estrutura, tem experiência comprovada.

Há muitas igrejas...

Claro que sim. Sou a favor da laicidade e sou a favor de um estado laico. Mas não posso ignorar que, devendo haver constitucionalmente igualdade de circunstâncias e de oportunidades para as várias religiões representadas em Portugal, há um predomínio, até cultural, da Igreja Católica. Essas são as estruturas e as realidades que conhecemos melhor. O que estamos também a ver hoje é uma coisa que faz com que esta fase da nossa civilização tenha muitos pontos de contacto com o fim do Império Romano.

Embora se diga que a história não se repete...

A história repete-se em muitos aspetos. É como a moda, vai-se sempre buscar o que ficou para trás. Sobre a semelhança com o fim do Império Romano, a promiscuidade entre a política e o desporto: os imperadores gostavam muito de aparecerem publicamente nos velódromos e nos circos com os gladiadores vencedores e com os vencedores de corridas de quadrilhas... Agora o cansaço dos que têm dinheiro é a fuga para o campo. A proliferação de crenças alternativas, as seitas, o culto do corpo, a descrença generalizada nas instituições, sobretudo uma coisa que me assusta e muitas vezes o futebol ou os recintos tauromáquicos tendem a representar é o prazer do sangue e da violência. Há pontos de contacto, chamemos-lhes culturais, enraizados na nossa tradição ou não, que me fazem lembrar o circo romano e a decadência do Império Romano. Acredito que o pior circo romano neste momento é a televisão nos seus piores momentos.

Está a generalizar... Consegue passar sem ver televisão?

Já consegui passar menos. Assusta-me a dependência. Quem mais depende da televisão é quem menos possibilidades materiais tem, sobretudo as pessoas que não têm hábitos culturais.



A Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) abrange um apreciável leque de áreas. A da escrita é a mais pobrezinha?

Há outras menos representativas. O setor maioritário é o da música, representa uma faturação superior a setenta por cento. O setor literário está longe de ser a cauda do pelotão. A dança, as artes plásticas são do ponto de vista da faturação e da representatividade muito inferiores, mas não quer dizer que o sejam na sociedade portuguesa. São-no na SPA porque as pessoas não estão inscritas.

Porquê a força de música?

A música tem muita força na SPA porque foi uma disciplina fundadora da Sociedade. A SPA é fundada basicamente por compositores e por autores de textos teatrais, ligados não só ao teatro musical mas também ao teatro dramático. A música sempre teve muito peso na Sociedade e depois da massificação e da grande industrialização da música popular com o pop-rock nos anos sessenta-setenta a SPA subiu substancialmente graças a esses setores.

Diz-se que todas as sociedades de autores estão a enfrentar uma dificuldade tremenda que é a pirataria. E que não cessa de agravar-se.

Imenso. As novas tecnologias têm aspetos e componentes positivos e têm os negativos. São as duas faces da moeda. Tudo o que é obra humana tem o lado positivo e o lado negativo. Permite-nos melhorar o processo comunicacional, a reprodução das mensagens, sejam musicais ou de outra natureza, mas também põem nas mãos dos

prevaricadores os instrumentos necessários para fazer as cópias todas. Há tendência para se confundir *copy* com *copyright*. Tem-se a sensação de que somos livres de copiar tudo. Fotocópias, reproduzir em casa os cd's, os dvd's...

A pirataria é antiga...

É, mas nos últimos anos aumentou gravemente, exponencialmente. Há mercados discográficos e do audiovisual em que quarenta por cento da faturação possível está nas mãos de piratas e da pirataria.

Que fazer?

É ter – como temos – um bom departamento de fiscalização que deteta as situações e as denuncia e canaliza para a Inspeção das Atividades Culturais.

Quantas situações dessas a SPA deteta e contra as quais age?

Detetamos dezenas de situações, mensalmente. Somos uma cooperativa sem fins lucrativos e de utilidade pública, não temos instrumentos de repressão. A única coisa que podemos fazer é atuar junto dos tribunais e junto da Inspeção das Atividades Culturais no sentido de que haja repressão feita por quem de direito. Quem aciona os mecanismos repressivos é a Inspeção das Atividades Económicas. A GNR ou a PSP fazem os levantamentos das feiras onde se vendem centenas de milhares de discos e dvd's.

Há estruturas capazes de responderem com eficácia a casos tão específicos da pirataria?

Alguns países atingiram um espantoso grau de eficácia: por exemplo, a França. O direito de autor surgiu em França Em Paris ou noutras cidades de França não se vê o que vemos em Lisboa, em Barcelona,

em Madrid, que são passeios inteiros com cd's e dvd's pirateados e à venda a preços irrisórios.

Curioso é que isso se faz a céu aberto...

Nem sempre se diz a verdade toda quando se fala disto. Penso que às vezes os poderes políticos não atuam com tanta rapidez e eficácia como deviam contra a pirataria, porque esta ajuda a manter uma economia paralela que permite disfarçar o desemprego. Não digo que seja uma atitude consciente mas que acontece, acontece. Essas bolsas de economia paralela ou de economia subterrânea permitem diluir um pouco o desemprego e até a marginalidade junto dos clientes diretos. Agora, quando há vontade reprime-se.

Há ou não condições?

Há quando se quer ir ao cerne do problema. E o cerne do problema não são vinte ou trinta vendedores ambulantes numa feira. É detetar as fábricas que estão espalhadas em vários pontos do País a reproduzir centenas de milhares de exemplares e desmantelá-las. E prender as pessoas que as mantêm.



Enquanto antigo jornalista como vê uma geração veterana que, por uma ou outra razão, acaba por não encontrar o seu lugar nas redações?

Vejo com preocupação e tristeza. Tenho a noção de que pertenceria hoje a esse contingente. Entre aqueles que já foram descartados (como objetos descartáveis) estão alguns dos melhores jornalistas portugueses, pessoas com talento, com experiência, que não tratam a matéria informativa como matéria especulativa. Pessoas com

princípios éticos, com sentido de deontologia. Tenho o maior respeito pelos jovens jornalistas e as redações têm de renovar-se. Mas deveria haver mais equilíbrio, mais temperança e ponderação na forma de equilibrar a novidade e o espírito cartão-jovem com a experiência.

Que guarda do Álvaro Guerra nomeadamente como escritor?

Durante os anos em que lidei com ele, que foram os anos da preparação do 25 de Abril, fazíamos parte do grupo que sabia o que ia acontecer mas não até que ponto ia acontecer. O Álvaro Guerra era um homem de grande cultura, um humanista, um homem de finíssimo sentido de humor, um homem um pouco angustiado com o desfasamento que ele sabia haver entre a sua utopia e a capacidade que de a realizar. Tenho saudades dele. Reencontrei-o na fase final de vida. É um grande amigo, um grande escritor, um grande jornalista, um jornalista político e um jornalista cultural também. Um excelente escritor que é preciso reler, redescobrir. É essa a melhor homenagem que lhe podemos prestar. O Álvaro Guerra foi o civil do 25 de Abril. Foi um excelente diplomata, não de carreira. Sei que Álvaro Guerra gostaria de ser lembrado como um escritor dos que vão ficar depois da travessia do deserto. Creio que vai ficar. A obra dele, sobretudo a Trilogia dos Cafés, e quando aborda as invasões francesas, representa um grande fresco da nossa identidade em termos históricos, sociais, culturais. Com uma vantagem: a carreira diplomática deu-lhe distância, embora disfarçasse com a ironia a sua grande emotividade.



A sua poesia dedica muito espaço à música. De Chopin a Berlioz...

A música é muito importante na minha vida, embora não ouça música enquanto escrevo para não me distrair. Prefiro concentrar-me noutra música que é a da escrita. Mas a música tem esta capacidade de nos acompanhar quase impercetivelmente. Viaja connosco. É o fundo sonoro de quase tudo o que fazemos, desde o tomarmos banho ...

E propicia mais o espetáculo...

Tem um dispositivo de comunicação mais poderoso. A chamada música ligeira está em crise em todo o mundo...

Por que se volta ao clássico?

Os paradigmas impostos pelas multinacionais são de pouca qualidade musical. A melodia está a desaparecer, embora nalguns casos esteja a regressar porque as pessoas estão cansadas de ouvir música massificada, embrutecedora.

As sociedades acabam por fazer sempre a rejeição da massificação?

É o que vai acontecer. As grandes bandas do *rock* elétrico estão quase todas a optar pelo som acústico. Também aí se está à procura de síntese. A música clássica trava uma batalha que está a ser ganha com as festas da música, atraindo as famílias, atraindo os jovens e fazendo da celebração da música uma enorme festa coletiva. Todos estamos a ensaiar novos caminhos. O caminho da música é um deles. A música que hoje se está a fazer obedece muito aos paradigmas das multinacionais, é para consumo rápido, sem consequências, deixa um lastro de esquecimento, disso não tenho a menor dúvida. Também aí

a crise é grande e no caso de Portugal maior ainda porque julgo que somos o país da União Europeia onde menos música nacional se passa nas rádios.

Um problema crónico. A SPA não pode combater isso? Há uma lei...

Uma lei aprovada por unanimidade e que não foi cumprida. Os índices hoje de música portuguesa que passa na rádio são inferiores a dez por cento. A intenção seria, em 1982 (o segundo ano de vigência da lei de 81) ter-se pelo menos cinquenta por cento de música portuguesa na rádio e na televisão. Vemos o contrário. A SPA tenta fazer alguma pedagogia. Há neste momento uma frente comum dos músicos para atuar neste domínio, são esforços bem-intencionados, empenhados, que têm como protagonistas os próprios agentes criadores e divulgadores da música, mas se as estações de rádio que são quem tem o poder de difusão não se subordinarem ao que a lei determina não há nada a fazer.



Que seria necessário fazer na divulgação da literatura para a termos próxima dos leitores? É quase um parente pobre em termos de divulgação.

É verdade. Falo como escritor: temos um défice de hábitos culturais. E o pior deles é o de ausência de hábitos de leitura.

Quando as coisas são bem divulgadas, o público está atento...

É verdade. Tem de se repensar a política do livro. Temos um mercado editorial e literário que não é proporcional aos nossos dez milhões de habitantes. A Irlanda tem dez milhões, a Bélgica tem dez milhões, a Holanda... a Suécia... Mas são países onde há hábitos culturais, onde o mercado cultural e sobretudo o mercado literário é muito mais proporcional à população do que o nosso. Acresce que não criámos condições para nos expandirmos convenientemente para o Brasil, ao contrário do que acontece com a Espanha que tem quarenta milhões de habitantes.

O português literário poderia ser tão “expansionista” como o castelhano?

O castelhano está em todo o lado, até nos EUA. Mas a Espanha tem capacidade de exportar os seus livros para toda a América Latina de fala castelhana e para os EUA. Nós furamos excepcionalmente e esporadicamente no Brasil. São muitos mais brasileiros a penetrar em Portugal. O que defendo e acho que poderia ser um caminho seria o aumento das tiragens e conseqüente embaratecimento do livro, ou seja, uma maior acessibilidade da leitura.

Subvenções?

Creio que sim. Por meio da aquisição de livros pelas entidades públicas. Seria o caminho. Do mesmo modo penso em relação ao livro infantojuvenil.

O infantojuvenil vende bem... não se podem queixar...

É uma área que tem tido expansão e o setor que mais evoluiu e se consolidou foi o dos ilustradores nos últimos anos. Há uma geração de ilustradores que ganhou terreno e conquistou o estatuto de autor em paridade com o escritor. Mas o livro infantil, no caso dos editores que não têm os meios de produção, continua a ser caro. Valeria a pena, no quadro de um plano nacional de emergência para o fomento

da leitura, recuperar uma medida que já foi tomada nos anos oitenta: o apoio do Ministério da Educação por meio da aquisição de livros para as bibliotecas escolares, hoje que estão numa fase de expansão, de criatividade e de afirmação. A Gulbenkian também comprava e já não compra porque largou o setor das bibliotecas e o deixou para as câmaras. Valeria a pena subvencionar através da compra os livros para crianças, os quais deveriam ser ainda mais baratos. Para se ter um bom ilustrador e uma boa arte final, os nossos livros infantis tornam-se caros.

O Poder Local... As câmaras têm possibilidades de abranger a cultura? Com que meios?

As câmaras, em certa medida, são como as casas das pessoas e as famílias. Há um orçamento e temos de geri-lo. Há casas onde as prioridades estão nos carros e nas roupas, nas viagens e nas idas ao futebol. Há casas onde as pessoas não investem nos automóveis, nem na roupa de marca, nem nas férias nas Maldivas, mas se calhar vão mais ao CCB, ao cinema e compram mais livros.

As prioridades de uma câmara se calhar são diferentes de região para região e têm de olhar a pessoas que nem compram roupa de marca nem gozam férias...

As câmaras têm prioridades de natureza social e estrutural que são pesadíssimas. É preciso dar assistência aos velhos, apoiar as instituições de solidariedade social, apoiar a rede escolar básica, tratar da rede viária, pôr a tónica no social. Mas as câmaras têm de perceber cada vez mais que investir na cultura é um investimento estratégico. Porque a cultura não só melhora a qualidade de vida das comunidades como cria empregos, reforça a cidadania, e, como associada ao turismo pode representar o desenvolvimento de regiões e de concelhos.

Os princípios são sempre excelentes...

Para isso é preciso que os autarcas tenham sensibilidade cultural e cívica e percebam que a cultura também é uma prioridade.



A transgressão continua a fasciná-lo?

Sempre. Mesmo quando me sinto mais acomodado, nunca estou. Devo ter uma fada sininho ou uma figura qualquer de banda desenhada que me insubordina. Sou saudavelmente instável como penso que são todo os criadores. Saí do jornalismo na altura em que achava que tinha de sair e do mundo autárquico na altura em que achava que tinha de sair, agora estou a braços com um projeto e uma equipa excelente. Uma experiência muito boa até do ponto de vista afetivo. O sentido da transgressão, da rebeldia, hei de mantê-lo sempre.

Seria capaz de voltar a cantar?

Não é projeto que tenha, embora possa vir a regravar simbolicamente algumas das canções que cantei em finais dos anos sessenta e princípios dos anos setenta, mas (e para tranquilizar quem leia isto) não é para recomeçar nenhuma carreira artística. É apenas uma coisa com um valor simbólico.

O facto de ter sido um cantor da resistência prejudicou-o no campo da criatividade literária?

Causou-me algum dano do ponto de vista da avaliação literária. Tenho consciência disso. Deve-se em grande parte ao facto de vivermos num país que não é pequeno geograficamente, mas é compartimentado e mesquinho muitas vezes, não se admitindo que uma pessoa faça quatro coisas em vez de fazer só uma.

Mas é torrencial em tudo o que faz, nomeadamente na poesia...

E como faço várias coisas e às vezes simultaneamente... Mas entre disfarçar a diversidade do que faço e aparecer como um menino bem comportado que sobe a um coreto para dizer: a partir de agora eu só faço uma coisa, não. A minha unidade está nessa diversidade. O que tenho de mais profundo é esta pluralidade de vozes que há cá dentro. Nasci assim.

Como arranja tempo para essa pluralidade criativa?

Há coisas que não se explicam. Nasci com muita energia, penso que herdei da minha mãe. Quando defino um objetivo é muito difícil, mesmo que esteja a percorrer outros caminhos paralelamente, é muito difícil não cumprir esse ciclo. Raramente desisto. Sou obstinado. Sou determinado. Tenho método a trabalhar. A desarrumação dos papéis na secretária não corresponde ao interior da minha cabeça...

Outro livro: *Amados Gatos* visita figuras nacionais e estrangeiras para quem o gato foi muito importante. O gato é muito independente, demarca o seu território. Que companhia faz?

Tenho nove gatos e três cadelas. Foi dos livros que mais gostei de escrever. Presto homenagem a pessoas que admiro muito, nomeadamente escritores portugueses como Venceslau de Moraes, Alexandre O'Neill, Eugénio de Andrade, Hemingway, Picasso... A

paixão pelos gatos é relativamente tardia. Os gatos entram na minha vida nos princípios dos anos noventa. Há duas constatações que faço: cada gato é um caso, uma individualidade, um percurso. É um animal com um grande sentido de soberania, independência e liberdade. Descobri uma profunda afinidade com o gato. Passei a vida a procurar um animal com o qual me identificasse e descobri, embora goste muito de cães, que o animal com o qual mais me identifico é o gato. Porque é soberano, é territorial no sentido de conhecer muito bem os limites do seu espaço e a sua capacidade de gerir esse espaço, e um apaixonado sentido da liberdade. Se me perguntarem qual é o valor essencial da minha vida, posso falar do afeto, da solidariedade, mas, em relação à minha liberdade... morreria por ela. Foi em nome dela que me comprometi com coisas em que acreditei e foi em nome dela que me descomprometi dessas coisas. As grandes opções da minha vida foram feitas em nome da liberdade.

Liberdade e fome, desemprego, veja-se o fenómeno das migrações, como se conjugam, como se harmonizam?

Esse é, talvez, o drama maior da nossa civilização neste momento. O mundo pobre está cada vez mais pobre. Para sobreviver as pessoas têm de imigrar.

Estou a lembrar-me do Leste...

Onde há miséria, onde não há assistência médica. A questão central do comunismo foi essa: liberdade sem pão ou pão sem liberdade. No momento em que as pessoas tiveram de equacionar este problema optaram pela liberdade sem pão.

Sem pão e água o corpo morre...

Tem de se emigrar. Estamos a enfrentar problemas muito complicados que exigem um esforço de lucidez, uma consciência cívica muito forte para que a chegada de mão-de-obra mais barata,

que concorre com a nossa em tempo de vacas magras, não se transforme em bolsas de resistência de extrema-direita que deem em Portugal fenómenos como os de Le Pen. O perigo pode vir da própria sociedade.



Quando é que a palavra atinge o “âmago de tudo”?

Frequentemente, porque é verbalizando que eu existo. Não consigo imaginar a minha vida sem a palavra. Sou um homem de palavra e de palavras. O meu mundo foi sempre construído com a palavra. No mais profundo de mim está sempre a palavra: a palavra dada, a palavra recebida, a capacidade de verbalizar de uma forma criativa aquilo que sinto. Não consigo imaginar uma estética sem ética. Também há uma estética da própria ética. A ética pode ser bela. Se pensarmos nas figuras que moldaram a humanidade, de Buda a Jesus Cristo, Leonardo da Vinci, a ética deles foi extremamente bela. Há uma beleza da própria ética. A beleza do martírio de Cristo é uma beleza ética.

Não esperava ouvi-lo falar com tanto entusiasmo de coisas bíblicas...

Não me converti. Sou agnóstico. Sou profundamente laico. Nunca fui sectário em matéria religiosa, mesmo nos períodos de maior compromisso ideológico e político. Sempre respeitei as crenças dos outros.

Maior espiritualidade?

Sem dúvida. Tem que ver com o nosso processo evolutivo, com a aproximação do fim, com o processo de envelhecimento, com o facto de, no meu caso, não ser uma pessoa sectária. Do mesmo modo que em relação à política disse acreditar que a política emergente há de ser o resultado de uma imensa síntese feita pela geração dos meus netos, também acredito que a espiritualidade vai ter de ser a síntese de muita coisa. Numa sociedade global a primeira coisa que temos de globalizar é o próprio conhecimento.

Alguma coisa positiva tem a globalização...

Não sou um cidadão antiglobalização. A globalização é imparável e irrefreável. Está no terreno. É um dado adquirido. O que temos de retirar à globalização é o odioso da sua componente mercantilista, desumana e monetarista.

Todos os poetas são tristes?

Acredito que sim. Tenho um livro inédito com este título: *Não há poetas felizes*. A poesia, mesmo quando finge ser alegre, nunca é alegre. Mesmo quando é satírica. Não há poesia mais triste do que a do Bocage quando é satírico, uma poesia de mágoa, de revolta, de solidão e sofrimento. Os nossos grandes poetas foram e são homens solitários e tristes. O destino de um poeta é sempre um destino trágico. Ele faz com a palavra o que só o sagrado seria capaz de fazer. No fundo persegue uma dimensão que não é consentânea nem harmonizável com a dimensão terrena.

Será por isso que a poesia não é tão lida?

Mal da poesia que não desassossega. A poesia tem a enorme virtude de desassossegar e de desinquietar mesmo quando está a proporcionar bem-estar e tranquilidade. O segredo da poesia é ser

uma arte materialmente muito pobre. Para se escrever um poema nem é preciso papel. Como fazia Camilo Pessanha, o poema é composto de cabeça, memorizado e um dia dita-se. Não precisa de canetas de ouro, não precisa de tecnologias sofisticadas. Mas é uma arte infinitamente rica na sua pobreza material. Tem qualquer coisa do segredo dos franciscanos. São Francisco de Assis é uma figura fulcral da história da Igreja, muito incómoda (a Igreja enriqueceu muito e ele fez um voto de pobreza), falava com os animais, com as pedras, com os peixes... Admirável. Esta é a síntese do que tem de ser o homem do futuro. Se o homem do futuro não conversar com os animais, com as pedras e os rios vai ter muitos mais tsunamis, muitos mais vulcões enfurecidos pelas experiências nucleares. Estamos a pagar a factura do modelo e do conceito de progresso que adoptámos. Estamos a virar a Natureza contra nós. Ou nos tornamos aliados dela ou desaparecemos. A poesia tem qualquer coisa da mensagem franciscana. É materialmente pobre e é espiritualmente muito rica. Trabalha essencialmente com os sentidos e os sons da palavra.

O seu estilo barroco...

Embora tenha vindo a evoluir cada vez mais no sentido do despojamento tenho uma marca muito grande da poesia clássica renascentista. Nota-se na estratégia da adjectivação, na busca não da palavra difícil mas da palavra inesperada – que é o segredo da poesia. Quando Juan Ramón Jiménez ganhou o Nobel da Literatura disse: «A literatura é um estado de cultura e a poesia é um estado de graça». Estou convencido de que a poesia é um estado de graça. Não basta estar em graça para criar, é preciso trabalhar muito. Poesia é essencialmente linguagem com os sons e os sentidos subjacentes a ela. Na realidade, um estado de graça .

Como poeta sente-se ainda em estado de graça?

Quando me sinto bem com o que escrevo, sinto-me em estado de graça. Aquilo que sinto que sou, é poeta. A diversidade dos caminhos que tenho seguido aos olhos dos outros subalterniza a importância vital que a poesia tem na minha vida. Um dia, quando já cá não estiver, gostaria que me lembrassem como poeta.

«Em nada do que digo me eternizarei»...

Os poetas travam uma luta muito grande. Eles têm uma profunda consciência da sua finitude. Sabem que duram muito menos do que a vida das suas palavras exigiria que vivessem. Estão conscientes da sua finitude e têm sede de absoluto, desejo de infinito, de imortalidade. Tudo isto é pouco compaginável com o mundo pequeno e ao mesmo tempo imenso em que os poetas vivem. Cria as tensões, o sofrimento, a tragédia.



Fala muito com as crianças...

Aí está muito da minha poesia. Muita da poesia que consigo produzir está no ato de comunicar com as crianças. Há uma definição de Steiner interessante: «A poesia é a virtude e o verso é o seu atributo.» Quer isso dizer que podemos estar num ato de poesia e não estarmos a usar o instrumento. O ato de comunicar com as crianças, de as fazer sonhar, de espoletar o seu imaginário é um ato de poesia porque é mágico. Posso ser ao mesmo tempo palhaço, astronauta, sereia e fada.

Com todos os apelos da sociedade consumista, as crianças ficam adultas muito cedo?

São adultas muito cedo e ficam Peter Pan's... O nível cognitivo da mensagem da televisão que as põe a ver corpos esfrangalhados na faixa de Gaza ou cadáveres inchados no Sudeste Asiático faz com que tenham de crescer bruscamente. Sentem uma urgência de perceber e isso torna-as de certo modo adultas. Não é um processo faseado e normal de crescimento, esse que faz com que elas depois atinjam imaturamente a idade madura... Ficam Peter Pan's, como o J. M. Berry que aos quarenta anos ainda queria brincar com as crianças e ter uma fada com asas para o levar para outros lados.

Não gostava de ter uma fada com asas?

Se calhar tenho, mas não a vejo. Há sempre uma coisa alada dentro de nós. Ou nós temos imaginação, criatividade e coragem (e a coragem chama-se liberdade) e somos capazes de voar até onde essas asas vão, ou então cortamo-las e tornamo-nos funcionários de guiché no escritório da vida. Isso não quero ser.

A sua avó contava-lhe histórias que o marcaram. Ainda tem medo de lobisomens?

Os lobisomens em que acredito hoje não são os do imaginário popular. São aqueles que maquinam para tornar as nossas vidas infelizes. Esses lobisomens são maus. Há muitos, uns estão na política, outros na economia, outros nos media... Há lobisomens em todo o lado. A minha avó materna era uma mulher da Beira Baixa, uma depositária da tradição oral, sabia histórias e contava-as para eu adormecer. Esse medo era libertador, catártico. No imaginário a minha avó marcou-me. No dos afetos é a marca do meu pai. Está omnipresente na minha poesia. A morte do meu pai, tinha eu 16

anos, é uma ferida que nunca cicatrizou. Um grande luto que nunca fiz e que hoje ainda me dá um certo sentido de orfandade.

Neste momento está em estado poético?

Mais em estado prosaico, pegando na dicotomia de Morin: estado prosaico e estado poético. Se calhar haverá uma outra voz que vai emergir do meio das que já tenho. Mas é quando escrevo poesia que me sinto de bem comigo, mesmo se mexo na matéria mais incandescente que queima. É quando parto para o poema e o poema me aceita e consigo verbalizar o que sinto através das palavras certas que sinto a plenitude.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*

- Ver no espaço **Convidados** depoimento em Março de 2011 sobre as revoltas no mundo árabe e a catástrofe no Japão.